



CONSTITUIÇÃO DO CICLO DE SEMINÁRIOS ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19: UMA AÇÃO PROPOSTA PELO ALFAREDE

Taís Barbosa Rodrigues

Caroline Braga Michel

Juliane de Oliveira Alves Silveira

374

RESUMO

Trata-se de uma entrevista com a Prof^a Dra Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo, da Universidade Federal de São João del-Rei (MG), realizada em 2022 e que versou acerca do Ciclo de Seminários Alfabetização em Tempos de Pandemia da Covid-19. Na entrevista, a professora narra a constituição do ALFAREDE e ressalta a importância da ação do Ciclo de Seminários para acompanhar o cenário da alfabetização durante a pandemia. O evento, transmitido online no ano de 2021, teve periodicidade mensal e contou com a participação de alfabetizadoras, as quais socializaram suas práticas pedagógicas, os desafios e as estratégias encontradas para dar continuidade ao processo de alfabetização das crianças durante o ensino remoto. Destarte, a professora apresenta as demais ações do coletivo e resultados da pesquisa nacional, reforçando a importância do ALFAREDE em tempos de tantos retrocessos no campo da alfabetização.

Palavras-Chave

ALFAREDE; Alfabetização; Ensino Remoto; Ciclo de Seminários; Entrevista.

CONSTITUCIÓN DEL CICLO DE SEMINARIOS ALFABETIZACIÓN EN TIEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: UNA ACCIÓN PROPUESTA POR ALFAREDE

RESUMEN

El susodicho artículo se refiere a una entrevista con la Profesora Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo, de la Universidad Federal de São João del-Rei (MG), que ha sido realizada en 2022 y versó acerca del Ciclo de Seminarios Alfabetización en Tiempos de Pandemia de Covid-19. En esta entrevista, la profesora narra la constitución del ALFAREDE y realza la importancia de la acción del Ciclo de Seminarios para acompañar el panorama de la alfabetización durante la pandemia. El evento, transmitido en línea el año de 2021, tuvo periodicidad mensual y contó con la participación de maestras, las cuales socializaron sus prácticas pedagógicas, los desafíos y las estrategias encontradas para dar continuidad al proceso de alfabetización de los niños durante la enseñanza remota. Por consiguiente, la profesora presenta las demás acciones del



colectivo y resultados de la investigación nacional, los que refuerza la importancia del ALFAREDE en tiempos de tantos reveses en el campo de la alfabetización.

Palabras clave

ALFAREDE; Alfabetización; Enseñanza Remota; Ciclo de Seminarios; Entrevista.

THE LITERACY SEMINAR CYCLE'S CONSTITUTION IN TIMES OF THE COVID-19 PANDEMIC: AN ACTION PROPOSED BY ALFAREDE

ABSTRACT

This is an interview with Professor Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo, from the Federal University of São João del-Rei (MG), held in 2022 and which dealt with the Literacy Seminar Cycle in Times of the Covid-19 Pandemic. In the interview, the teacher narrates the ALFAREDE's constitution and highlights the Seminar Cycle's action importance to monitor the literacy scenario during the pandemic. The event, broadcast online in 2021, was monthly and featured literacy teachers, who shared their pedagogical practices, challenges and strategies encountered to continue the children's literacy process during remote teaching. Thus, the teacher presents the other collective's actions and the national research's results reinforcing the ALFAREDE's importance in times of so many setbacks in the literacy's field.

Key words

ALFAREDE, Literacy; Remote Learning; Series of Seminars; Interview.

1 INTRODUÇÃO

A professora Maria do Socorro Nunes de Macedo é pedagoga (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Belo Horizonte, FAFII-BH), Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É professora titular da Universidade de São João del-Rei (UFSJ-MG) e possui Pós-doutorado pela *University of London, King's College*, (2009), pela *Goldsmiths University of London* (2019) e pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR, 2019-2020). Foi vice-presidente da Associação Brasileira de Alfabetização (ABALF) no período de 2014-2017 e atualmente é coordenadora Geral da Alfabetização de Adultos na Secretaria de Educação Continuada, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação (MEC).

A referida professora tem experiência no campo da educação e é reconhecida pelas suas pesquisas e ampla produção na área da alfabetização. Nesse sentido, em sua trajetória



profissional dedicou-se a investigar essa temática a partir de múltiplos focos, tais como políticas de alfabetização, ações de formação continuada de professores alfabetizadores, práticas de letramento em espaços escolares e não escolares, entre outros. Em sua atuação no Mestrado do Pós-Graduação em Educação da UFSJ, na linha de Discursos e Produção de Saberes nas Práticas Educativas, e no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na linha de Educação e Linguagem, orientou diversas dissertações que versavam sobre as distintas facetas da alfabetização, assim como dialogavam e subsidiavam-se nas contribuições teóricas do educador Paulo Freire.

A professora Maria do Socorro Alencar Nunes de Macedo é líder do grupo de pesquisa Alfabetização, Linguagem e Colonialidade (GPEALE) e nos últimos anos vem se dedicando, dentre outras temáticas, a investigar sobre a alfabetização no ensino remoto, sendo uma das responsáveis pela constituição do Grupo Nacional de Pesquisa em Alfabetização - ALFAREDE (2020), o qual é composto por um coletivo de pesquisadores e pesquisadoras de diferentes instituições de ensino superior do país e que promoveu distintas ações durante a pandemia. Logo, a professora coordenou e organizou a principal pesquisa brasileira que acompanhou a alfabetização no período de ensino remoto em diferentes estados brasileiros. Como resultado dessa pesquisa cita-se a publicação do E-book “Retratos da Alfabetização na pandemia da Covid-19: resultados de uma pesquisa em rede¹”, no ano de 2020.

Ademais, o ALFAREDE divulgou os resultados da pesquisa por meio de outras ações. Dentre elas, destaca-se na presente entrevista o evento virtual do Ciclo de Seminários Alfabetização em Tempos de Pandemia da Covid-19, que se caracterizou pela proposição de rodas de conversas, cujas protagonistas foram professoras da Educação Básica que compartilharam experiências e práticas pedagógicas realizadas em tempos pandêmicos. O Ciclo de Seminários foi transmitido pelo *Youtube*², e realizado mensalmente, na última quarta-feira do mês no período de julho a dezembro de 2021, contabilizando no total seis *lives*. Como se nota no decorrer da entrevista apresentada a seguir, o evento foi organizado em um formato dialógico entre alfabetizadoras, professoras universitárias, estudantes de cursos de graduação e pós-graduação, bem como demais interessados.

¹ Para acessar ao e-book entre no link: <https://www.dropbox.com/s/1yui7iko11h6h4s/Retratos.pdf?dl=0>

² Maiores informações em: <https://www.youtube.com/@AlfabetizacaoemRede>



Considerando, portanto, a relevância e a potencialidade desse evento é que emergiu o interesse em tê-lo como objeto de estudo na pesquisa de mestrado que vem sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande. Assim, a fim de compreender melhor o contexto de organização do Ciclo de Seminários Alfabetização em Tempos de Pandemia da Covid-19 e a própria constituição do ALFAREDE é que foi realizada a entrevista que ora é publicada. Cabe destacar, desse modo, que a mesma foi realizada no dia 28 de junho de 2021, via plataforma *Google Meet*.

Como surgiu o coletivo Alfabetização em Rede? Quais foram os objetivos elencados quanto ao ensino remoto?

Surgiu logo no início da pandemia. Na verdade, inicialmente a minha proposta era que fosse um grupo de estudo, para que nós tivéssemos algum estudo para fazer durante uma pandemia que não sabíamos que ia ser tão longa, achava que ia ser uma coisa mais rápida. Essa intenção era lá pelo mês de abril de 2020, mais ou menos. Então, comentei e convidei algumas pessoas para participar. A professora Gabriela Medeiros Nogueira, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), por exemplo, foi a primeira a se manifestar favorável para que fizéssemos esse grupo de estudos. Mas, ao mesmo tempo, foi sendo considerada a possibilidade de que nele fossem contemplados estudos sobre a política de Bolsonaro para a alfabetização. Era esse o objetivo inicial. No entanto, nesse meio tempo, as escolas foram fechadas e observamos um movimento de angústia. Eu tenho uma irmã que é alfabetizadora no Sertão do Ceará e eu perguntava para ela as coisas, como estava indo, e ela falou: - fechamos a escola e agora estamos esperando ver em que mês iremos retornar as atividades. Perguntei para ela como estavam fazendo e ela comentou que estavam se organizando para se comunicar com as famílias e que toda a rede de ensino utilizava o *Whatsapp*. Além disso, mencionou a orientação que receberam de fotografar as atividades para encaminhar para as crianças. Eu falei: - que coisa interessante, temos aí um momento bom para ver o que vai acontecer! Começamos tudo meio no escuro, pois não se tinha ideia do que iria acontecer em nenhuma das áreas. A partir desse momento eu pedi para ela que fosse arquivando tudo que estivesse fazendo, e ao comentar isto com as pessoas que já haviam topado inicialmente integrar o grupo de estudos, que eram em torno de seis, eu propus que fizéssemos uma



reunião para decidirmos os termos de nosso trabalho. Nesta primeira reunião participaram muitas pessoas que hoje não integram o coletivo da rede, que acabaram nem integrando, na verdade. Porque neste momento o que fiz foi conversar sobre a possibilidade de estudar a política de alfabetização, mas indicando que a pandemia estava nos apresentando um desafio. Então perguntei: - o que vamos fazer? Vamos ficar parados olhando ou vamos tentar observar o que está acontecendo com a alfabetização nesta pandemia? Então eu propus um trabalho a partir de uma pesquisa que tivesse um instrumento ou um *survey* como questionário, porque eu já tinha tido esta experiência. Na verdade, essas metodologias que estamos utilizando, eu já utilizei muito nas minhas pesquisas. Então eu trouxe esta minha experiência de pesquisas anteriores com *survey* e propus no grupo que nós fôssemos pesquisar duas coisas, ou seja, tanto o que estava acontecendo na alfabetização durante a pandemia, com o ensino remoto, quanto a Política Nacional da Alfabetização - PNA do Governo Federal, como o nível de adesão dos professores nesta política, por exemplo. Assim, com o mesmo instrumento poderíamos captar dados sobre essas duas temáticas. Abreviando muito, o que posso dizer é que fomos muito bem-sucedidos, algumas pessoas, achavam que não se deveria partir para aplicar um instrumento assim tão rapidamente, sem um grupo de estatísticos nos subsidiando, porque não tinha nada disso no começo do coletivo da rede. Mas eu falei que como tinha experiência, não seria uma pesquisa completamente no escuro, pois já havia trabalhado com este instrumento umas três vezes, em três grandes pesquisas. Decidimos, então, esboçar um instrumento. Elaboramos a escrita dele através do *Google* Documentos, onde eu propus uma estrutura inicial e as pessoas iam trabalhando nela, houve muita discussão, muita sugestão, algumas discordâncias, enfim, como faz parte um trabalho em coletivo, é isto mesmo. Neste momento já tínhamos uma clareza maior de quem toparia ficar e colaborar neste trabalho como pesquisador, se constituindo uma rede mesmo. Enquanto o instrumento estava sendo construído, fomos pensar no nome da rede, no logotipo e tudo mais. Depois de algumas versões, conseguimos aprovar o instrumento e encaminhar para todos os contatos que tínhamos pela internet. É um instrumento que contou muito com a participação do Brasil todo, porque de alguma forma cada pesquisador tem uma pequena rede de trabalho também por trás.

Como foram as reuniões, vocês organizaram pelo Google Meet?



Tudo virtualmente pelo Google Meet. Na época o Google Meet era gravável, eu tenho praticamente todas as reuniões gravadas, o que também é um material interessante para depois quem quiser pesquisar como é a constituição de uma rede.

Teve o movimento geral que algumas universidades foram aderindo à rede e teve também o movimento mais local como, por exemplo, o caso do Rio Grande do Sul que teve a participação de várias universidades (UFRGS, FURG e UFPEL)?

379

Isto, a professora Gabriela Medeiros Nogueira foi a grande responsável pela presença maciça do Rio Grande do Sul na rede porque ela foi sugerindo e convidando. Eu tive também a atitude de dizer, gente é uma rede, vamos convidar todas as pessoas que conseguirmos e temos contato para tentar cobrir as diferentes regiões do país, pois neste momento eu já estava com a ideia de rede na minha cabeça bastante clara. Nós temos que cobrir todos os estados, todas as regiões, o máximo que conseguirmos. Então fomos mapeando geograficamente quem estava e fui pedindo aos colegas para me auxiliar a identificar quem já estava participando e ir indicando outros nomes para que eu convidasse e, para que outros, também convidassem. Tivemos a iniciativa de convidar algumas universidades estratégicas de algumas regiões que não tínhamos conhecimento de pesquisadores, como a região do Ceará, por exemplo. Mas, as pessoas ficaram sabendo da rede, então ocorreu o movimento de, ao mesmo tempo, algumas universidades entrarem em contato comigo demonstrando interesse em participar da rede. Ou seja, elas foram se convidando. Claro que eu disse para virem. É o caso da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, de Campinas e outras. Com isso, muitas pessoas foram integrando a rede na medida em que o questionário ia sendo divulgado na internet e iam ficando sabendo da pesquisa. Não teve problema, eu falei: - vamos entrar! Mesmo que o instrumento já estivesse na rua, desde que a pessoa concordasse com ele e que a pessoa desejasse participar desta coleta, não tinha problema. Com essa rede mobilizamos várias instituições, tais como a União de Dirigentes Municipais de Educação (Undime), as redes de formações continuadas de professores, entre outros. A rede do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) também foi muito importante para nós, assim como a colaboração de grupos de pesquisa que tínhamos o contato; a Associação Brasileira de Alfabetização (ABALF) ajudou muito também, enfim, acabou saindo esta beleza.



Vocês criaram algum grupo de *Whatsapp* para ter contato com os coordenadores de cada universidade, pois pelo que vi participaram em torno de 117 pesquisadores, mais ou menos?

Sim, fomos colocando todas as pessoas no grupo de *Whatsapp*. Claro que quando falamos em 117 pesquisadores é porque na época em que submetemos o primeiro relatório, não o projeto, tínhamos que cuidar também de regulamentar o projeto pelo Conselho de ética - CONEP, da universidade que faço parte, a UFJS. Esse foi o impasse, porque daí nós tivemos que escrever o projeto, que foi outro processo. Ao mesmo tempo em que estávamos aplicando o instrumento, também estávamos escrevendo o projeto, porque o instrumento quantitativo não precisa do conselho de ética, isso a gente já sabia. Mas, os dados qualitativos sim, precisam. Então eu queria que formalizássemos isto no conselho de ética, porque àquela altura eu já estava vendo que era uma pesquisa de peso e precisávamos seguir estes trâmites e submetê-lo. Ao formalizar o projeto para submeter no sistema apareceu todo este quantitativo, pois as pessoas foram falando quantos integrantes tinha na sua equipe. E aí submetemos. Na verdade, no conselho de ética aparece só os nomes dos coordenadores de cada estado, de cada grupo de pesquisa. Mas, quando fomos formalizar o primeiro relatório parcial, eu fui meio que assim, não podemos perder o time, vamos tentar fazer um pequeno balanço destes dados quantitativos ainda no final deste ano de 2020. Isso tudo porque a nossa ideia era assim, a pandemia vai acabar e queríamos apresentar um resultado enquanto a coisa estava acontecendo. Só que não, agora a pandemia ainda continua depois de três anos. Então, fizemos o relatório parcial³ e para que todos que participavam da pesquisa aparecessem foi preciso que as equipes mandassem os nomes de todos que estavam trabalhando. Muita gente trabalhando, algumas que nem se conhecem, inclusive. Porque cada professor coordenador

³ Na primeira publicação do projeto, o relatório técnico parcial veiculado na Revista Brasileira de Alfabetização, constava que o coletivo apresentava, em 2021, a participação aproximada de 117 pesquisadores, atingindo 18 estados brasileiros e 27 universidades brasileiras. Neste relatório também foram apresentados os dados parciais referentes à primeira etapa da pesquisa, a qual se tratou de aplicação de um *survey*. O mesmo foi veiculado via redes sociais e se tratava de um questionário, elaborada na plataforma *Google* formulários, com 34 questões, tendo como público-alvo da pesquisa professores da Educação Básica, prioritariamente da rede pública, atuantes na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ano ao 5º ano). Conforme os dados apresentados na Revista Brasileira de Alfabetização (2020) responderam a este questionário 14.730 professores.



de um determinado estado, ou de um grupo de pesquisa, como é o caso do Rio Grande do Sul, que tem quatro universidades participando, tem uma equipe de trabalho e todos os nomes foram enviados. Então, todos os nomes enviados apareceram e nesta contagem aparecem lá 117 pesquisadores, mas deve ser até mais do que isto, porque alguns acabaram não enviando formalmente.

No *Whatsapp* não tem todo este quantitativo, tem em torno de 60 ou 70 pesquisadores e/ou coordenadores de grupos de pesquisas, mais algum colega, talvez. Mas, enfim, não colocamos nenhum tipo de limite. E acho que deve ser assim, esta rede com estas características que ela tem, afinal, ela quer olhar para o Brasil todo, ela não pode ter limite. Até hoje, até maio, pesquisadores entraram em contato e estão aderindo à rede. Hoje ela já está diferente, já conta com mais quatro estados. Então foram 18 estados nesta primeira fase e agora, indo para segunda fase da pesquisa, que estamos olhando para o presencial, contará com mais quatro estados. Nesse momento estamos para divulgar o instrumento, que já está em fase de teste, e terá mais quatro estados como respondentes. A nossa ideia, nosso objetivo, é chegar ao Brasil todo, vai ficar faltando apenas o estado do Espírito Santo e Roraima que, até o momento, não entraram na rede.

Que lindo este relato. E, dentre as ações do coletivo Alfabetização em Rede, além do survey, tiveram outras, certo? Teve o Ciclo de Seminário Alfabetização em tempos da pandemia da Covid-19? E tem outras ações?

Tiveram várias coisas que foram acontecendo sem que fossem planejadas. O livro evidentemente foi planejado. Nós tivemos o segundo momento da pesquisa, ou segundo instrumento, que foram os grupos focais e a partir dele que nasce o Ciclo de Seminários. Ali no evento virtual, o Ciclo de Seminários, nós temos professoras que participaram e trabalharam nos grupos focais. Então mobilizamos professoras reais mesmo. Depois de ter quase 15 mil docentes respondentes do *survey*, o trabalho da rede foi selecionar em cada grupo de pesquisa, o número de até 6 docentes para fazermos a conversa que foi embasada na metodologia do grupo focal, que basicamente é uma conversa coletiva em torno de uma problemática que se quer pesquisar. Isto é muito interessante porque isso já é um processo de formação, isto se você quiser abordar desta forma. Os grupos focais, as rodas de conversas,



como a gente nomeou para as professoras já são em si um processo de formação continuada, porque ali foi o primeiro momento que essas professoras tiveram contato com outras colegas para falar das suas angústias, dos seus desafios; ouvir o que cada uma estava fazendo, as estratégias usadas para dar conta daquele desafio, soluções, trocas de experiências. Então, na verdade, os grupos focais foram um espaço de troca de experiências entre as professoras e isso é a formação continuada, porque a gente aprende com o outro, com nossos pares. A partir dos grupos focais tivemos a ideia de fazer o primeiro Seminário da rede, e fomos construindo para chegar na ideia de que as protagonistas deveriam ser as alfabetizadoras e não as pesquisadoras. Contando com a nossa presença, evidentemente. As alfabetizadoras falariam sozinhas e nós faríamos a mediação, uma espécie de reprodução daquilo que a gente fez nas conversas do grupo focal para todas as professoras, todos aqueles que participassem desse evento. Então, montamos as redes com os estados que deram conta de organizar⁴. Nem todos estavam presentes e ficou para continuarmos neste ano de 2022. Imagino que aqueles que não puderam participar possam estar no segundo Ciclo de Seminário. Mas a ideia foi muito bem-sucedida, porque quando é professor falando para professor, o tom é muito diferente, modo, gestos, digamos assim. Foi um sucesso de público porque colocamos vários estados na mesma mesa⁵, nós não colocamos experiências da mesma região, então isto também

4 Em cada edição participaram docentes de diferentes regiões do país, como a região Sul, Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste, resgatando as particularidades do ensino remoto em cada localidade.

5 A 1ª *live* de abertura oficial do evento contou com a presença da professora e coordenadora do projeto Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo da Universidade Federal São João del-Rei (UFJS/MG), juntamente com a representante da Associação Brasileira de Alfabetização (ABALF) Adelmara Barros Mendes da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP/AP) e a professora Gabriela Medeiros Nogueira da Universidade Federal do Rio Grande (FURG/RS). As professoras da rede municipal participantes foram Rafaelle Martins Vieira de Rio Grande/RS e a professora da rede municipal de Tartarugalzinho (AP) Tâmil Caroline Tavares. A 2ª *live* contou com a participação das docentes Luciana Piccoli e Renata Sperrhake da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/RS), Sislândia Brito da Universidade Regional do Cariri (URCA/CE) e de Leila Nascimento da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE/PE) juntamente com as professoras da Educação Básica Bruna Martins da Rede Municipal de Canoas/RS e professora Cícera Oliveira no município de Crato em Juazeiro do Norte, no nordeste do país. A 3ª *live* foi realizada pelas professoras Geisa Magela Veloso da Universidade Federal de Montes Claros (Unimontes/MG), Elvira Cristina Martins Tassoni da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Wellessandra Aparecida Benfica da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG/MG). E os professores da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP/SP) Fernando Rodrigues de Oliveira e Cláudia Vóvio. Na ocasião participaram ainda Patrícia Guimarães atuante no município de São Paulo e Ana Paula Tibúrcio da rede Municipal de Juiz de Fora. A 4ª *live*, contou com a participação das professoras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL/RS) Marta Nörnberg e Gilceane Caetano Porto, juntamente com a professora Patrícia Camini da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/RS) e Adriana Cavalcanti da Universidade Federal de Alagoas (UFAL/AL), além das professoras da Educação Básica Ana Célia Correia da Rocha



potencializou a troca, com o foco na diversidade. Embora haja experiências que são muito semelhantes no Brasil todo, existem também as peculiaridades. Eu lembro que na roda de conversa, o Rio Grande do Sul estava junto com o estado do Ceará. Por exemplo, no Rio Grande do Sul, um dos estados mais ricos do país, apareceram desafios muito semelhantes àqueles que aconteceram no interior do Ceará, isto também foi importante porque tem uma comparação de dados da pesquisa, pois nos grupos focais eram os estados com eles próprios, mas no Ciclo de Seminário teve esta troca interestadual, digamos assim, inter-regional, intermunicipal, e isto faz toda a diferença na construção de uma visão mais aprofundada do que de fato aconteceu. Ou seja, uma espécie de balanço do que podemos falar, isto realmente aconteceu, realmente é um dado do Brasil todo, já é uma particularidade desta região e do estado, a partir da voz das professoras. Uma coisa que decidimos também, porque isto é princípio de trabalho de todo mundo, para nós a voz dos professores era o que queríamos ouvir desde o início, desde o *survey*. Então o *survey* já foi construído com o objetivo de ouvirmos as professoras e não os gestores. Não estávamos querendo olhar para os gestores e nem propriamente para as crianças porque não tinha como naquele momento, mas queríamos olhar fundamentalmente para as docentes, que foram aquelas que realmente fizeram a educação com toda precariedade. Então, as mesas, as rodas de conversas, são o coroamento deste processo, que não é nem de dar a voz, porque esta expressão não é boa, mas de ouvir estas docentes, o quanto elas puderam expressar suas angústias e desafios para todo mundo.

da rede municipal de Maceió e a professora Priscila Garcia que atua na rede estadual do município de Pelotas e na rede municipal do Capão do Leão. A 5ª *live* foi conduzida pelas professoras Áurea da Silva Pereira da Universidade do estado da Bahia (UNEB/BA), Sílvia de Fatima Pilegi Rodrigues da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR/MT) e Maria Aparecida Rossi da Universidade Federal de Catalão (UFCAT/GO) e pelas professoras da educação básica Mariléia Rocha do município de Juazeiro na Bahia, por Kenia Almeida atua em Rio Verde e Solange Vecchia professora da rede municipal no município de Sinop/MG. A 6ª *live* contou com a participação de Antônia Edna Brito da Universidade Federal do Piauí (UFPI/PI), e as professoras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA/MA) Marise Marçalina de Castro Silva Rosa da Unive, Edith Maria Batista Ferreira e Joelma Reis Correia. As professoras da educação básica Edilene Furtado do município de São Luiz/MA, Debora Gomes da Rede Municipal de Lago da Pedra/MA e Francisca Cardoso, alfabetizadora da rede municipal de Teresina/PI. Um dos diferenciais da *live* é a forma de interação por meio do chat, o qual fica disponível durante o evento como espaço de diálogo, sendo que as *lives* analisadas tiveram o total de 1.008 interações, tendo na primeira *live* 201 comentários, a segunda *live* não ficou salvo os comentários, a terceira *live* contou 145 comentários, a quarta *live* com 247 comentários, a quinta *live* 175 interações e a sexta *live* 240 comentários. Comentários que possibilitaram o diálogo entre os participantes do chat, e entre os participantes do chat com as protagonistas do evento, por meio de questionamentos, reflexões e partilhas.



Que orgulho! E como a senhora comentou, “não é dar voz às professoras”, mas é oportunizar espaço para elas. Porque é importante ter este movimento, esse espaço de fala para os professores da Educação Básica, afinal, elas vêm em uma crescente de desvalorização, de descrédito do seu potencial.

Exatamente, por isto se sentiram muito bem participando da rede. Por isso que estão engajadas, vez ou outra elas perguntam quando que vamos voltar a conversar. Então vamos ter outro movimento agora com elas, provavelmente entre este ano e o próximo. E quem sabe até contar com a participação delas no segundo livro.

É interessante o quanto esse movimento articulou os grupos e as pessoas, pois mesmo tendo essa organização de estados, quem estava ouvindo de outras regiões se encontrou, se identificou nas falas. O chat das *lives* mostra as pessoas se identificando com as narrativas, interagindo e fazendo trocas.

Exatamente! O uso da tecnologia foi e é capaz de potencializar demais esta troca, tudo que está escrito no chat, como bem colocado por você, pode ser objeto de pesquisa. Mapear quem está ali, que público é aquele que realmente assistiu, porque as pessoas se identificam, não é difícil fazer este mapeamento, e além claro, o conteúdo da conversa. Temos outras ações como os grupos focais que geraram os seminários, e nós temos o livro que já era uma ideia desde o início. Foi um grande desafio organizar este livro, mas ao mesmo tempo muito prazeroso ver que quase todas as pessoas se envolveram da mesma forma. Apenas alguns estados não participaram, devido a sobrecarga de trabalho dos docentes universitários, porque nós também ficamos muito sobrecarregados. As pessoas lamentaram, mas não conseguiram se organizar e participar do livro, professores universitários muito atuantes de alguns estados que continuam participando, não era porque não iam continuar na pesquisa, era porque não tinham tempo e nem condições objetivas para fazer os capítulos, mas a maioria dos estados participou. Recebemos financiamento do Programa de Pós-graduação em educação que faço parte aqui na UFSJ porque a rede chamou atenção, ela foi muito bem divulgada, de todo o modo os recursos da pesquisa devem ser usados na pesquisa. Nós temos uma política de subsidiar a publicação de livros na universidade São João del-Rei-MG, portanto, não houve nenhum empecilho. A publicação foi feita por uma editora muito bacana,



a Parábola editorial, que publica somente livros na área da educação e linguagem, então também tem foco. Conseguimos financiamento para fazer o E-book e trabalhamos em torno de oito meses na escrita do livro, foi durante todo o ano de 2021. Neste livro apresentamos tanto o resultado do *survey* quanto dos grupos focais. Ainda em 2020 tive a ideia de convidar estatísticos para reforçar a pesquisa, porque estávamos com estes dados terminando de ser coletados no final de setembro e em meados de agosto. Daí no início do mês de setembro eu entrei em contato com duas amigas e perguntei se gostariam de fazer parte da rede para desenvolver o trabalho estatístico, a professora Luciane Teixeira Giarola e a professora Rejane Corrêa da Rocha, que são do Departamento de Matemática da UFJS. Elas toparam, que foi ótimo, fez toda a diferença por conta do tipo de dados que elas conseguiram enxergar. Então elas produziram o último capítulo do livro em parceria com o André Luiz Cardoso, da Universidade Federal de Rondonópolis, que é estatístico e filho de uma das nossas colegas da rede, a professora Cátia Cancionila Janzkovski Cardoso. André hoje é um grande parceiro de pesquisa, tanto que o primeiro capítulo, que apresenta o perfil e os resultados do *survey*, nós escrevemos juntos. Então hoje nós temos estas três pessoas trabalhando neste segundo instrumento, dando continuidade ao trabalho da nossa rede. Também há como produto das pesquisas um dossiê que estou organizando junto com colegas da rede, para a revista da Universidade Federal de Pelotas, Cadernos de Educação⁶. Estamos quase na fase final da organização deste dossiê que vai ser publicado em 2022, são oito textos com resultados da pesquisa da rede. Considero dois produtos acadêmicos de impacto. Outro aspecto interessantíssimo foi a significativa participação dos integrantes da rede no 5º Congresso Brasileiro de Alfabetização - CONBALF. Não foi uma ação deliberada, convidamos as pessoas, divulgamos dizendo para prestigiar o evento, mas a participação foi muito além do que imaginamos. Tiveram salas de apresentação de trabalho composta somente por participantes da rede, porque foram muitos trabalhos como resultados parciais desta pesquisa. Fizemos mais uma mesa, também com os resultados da pesquisa, em que eu participei com a professora Gabriela Medeiros Nogueira e mais três pesquisadores, Fernando Rodrigues de Oliveira da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Denise Maria de Carvalho Lopes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Patrícia Corsino da Universidade

⁶ Para maiores informações acessar: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/issue/view/1113>



Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O que aconteceu é que o ALFAREDE foi a única rede de pesquisa em alfabetização no Brasil, e mais do que isto, a única que tratou da alfabetização durante o período da pandemia. Fomos tomando conhecimento da realidade depois que as coisas aconteceram. A pesquisa chamou muito a atenção, jornalistas entraram em contato e foram publicadas várias reportagens. Uma bem longa no jornal Estadão, em que a principal base da reportagem foram os resultados da pesquisa envolvendo a rede e a presença da rede. Enfim, é isso, a rede é trabalhosa, são muitas pessoas a quem eu tenho que responder no grupo do *Whatsapp* ou de forma individual, no privado. Mas é prazeroso e gratificante ver como esta rede é bem-sucedida, como ela conseguiu mexer bastante e modificar. Conseguimos ser ativo durante a pandemia como pesquisadores da área de alfabetização em rede, isto é uma vitória em tempos tão desastrosos para o campo da pesquisa, de não financiamento. Conseguimos fazer o nosso melhor e continuamos!

Professora, voltando agora para a ação do Ciclo de Seminários, as questões mediadas pelos professores universitários foram organizadas pelo coletivo ou cada professor ficou responsável pelo seu grupo focal organizando a dinâmica das *lives*?

Não, as questões foram construídas pelo coletivo, isto também é bacana. Foram duas atividades muito complementares, como eu disse, o grupo focal e o Ciclo de Seminários, então para fazer a metodologia em rede, trabalhamos com o mesmo roteiro do grupo focal no Brasil todo. Óbvio que isto vai acontecer de modo diferente em cada estado, tem o mesmo roteiro, mas isto não quer dizer que as coisas aconteçam exatamente iguais, mas, o eixo norteador é sempre importante. Como passo da própria metodologia de pesquisa em rede, fizemos coletivamente o roteiro naquele mesmo processo, propomos o documento online e as pessoas contribuíram, deram grandes contribuições e chegamos no formato final. Foi escrito no Google documentos para que todo mundo pudesse participar no drive. E obviamente mesmo assim sempre terá muita diversidade, porque há estados que conseguiram entrevistar as pessoas, montaram o grupo focal do jeito que eles quiseram. Dei algumas orientações como: não fazer grupos muito grandes, envolvendo no máximo até 6 professores; colocar junto ou separados professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental era decisão do próprio grupo, se tivesse desejo de colocar 1º ano com 5º ano era decisão do grupo. No grupo



que coordenei, em Minas Gerais, por exemplo, colocamos um representante de cada ano do Ensino Fundamental, já teve colegas que fizeram Educação Infantil separado do Ensino Fundamental, em dois grupos, nós trabalhamos apenas com um. Então tudo isso ia acontecendo de acordo com os interesses de cada grupo de pesquisa, porque a rede não amarra, a rede constrói e dá o eixo norteador, mas o grupo de pesquisa vai obviamente pesquisar aquilo que lhe chama mais atenção, que ele tem mais expertise. Por exemplo, a Gabriela Medeiros Nogueira que pesquisa e trabalha com a Educação Infantil, certamente teria a Educação Infantil em seus trabalhos, como de fato apareceu, assim como no trabalho da Denise Maria de Carvalho Lopes, do Rio Grande do Norte, que trabalha especialmente com a Educação Infantil. E assim construímos esse roteiro e o trabalho foi coletivo. Na hora de constituir as mesas para o Ciclo de Seminários queríamos que as pessoas apenas pensassem no que iam publicar juntas, então juntamos os estados para cada mesa e lançamos algumas orientações como não convidar professoras do mesmo estado; ter pelo menos duas universidades diferentes; dois grupos de estudos de estados diferentes; etc. Elaboramos um cronograma, as pessoas fizeram adesão. Elas mesmas decidiram com quem gostariam de estar, e elas próprias tiveram autonomia de pensar no formato de cada mesa, embora haja muita semelhança, cada uma teve o seu toque singular. Eu fiz a primeira mesa, junto com a professora Gabriela Medeiros Nogueira, e uma colega do Norte do país, a Adelma Barros Mendes. Optamos em não fazer em formato de palestra, pois como era o primeiro gostaríamos que ele fosse uma referência para os próximos colegas. Sabemos que, às vezes, é um pouco difícil para nós, que estamos muito acostumadas a dar palestra e a usar Power point para tudo, organizar, também, um formato diferente. Foi nesse sentido que eu disse para tentarmos reproduzir a ideia de conversa. Então as professoras estavam ali porque gostaríamos de conversar, queríamos fazer perguntas, a ideia era uma falar e a outra interpelar, dialogar, ir entrando na conversa. Nós já tínhamos participado de um formato parecido a convite de um programa semanal, “Pensar a Educação” da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), já tinha feito a experiência, então com base nesta experiência que foi bem-sucedida, fizemos a primeira mesa do Ciclo de Seminários e as demais foram acontecendo, mais ou menos com este tom de conversa. Mas cada um decidiu a sua dinâmica.



Como aconteceu o suporte para que as *lives* acontecessem? E os convites para as professoras protagonistas como funcionou? Cada universidade que organizou essa parte também?

Não tínhamos financiamento, então a cada mês o grupo responsável tinha que dar conta da infraestrutura necessária. Que maravilha se tivéssemos o recurso porque é um trabalho de formação continuada, não é um trabalho apenas de divulgação de resultados de pesquisa, é um trabalho de formação que atinge todos. Porque até o próprio horário das *lives* foi pensado pelo coletivo da rede. Se as professoras não podem durante o dia, tínhamos que fazer à noite, em um horário que elas pudessem participar. Que é um pouco também do traço do trabalho aqui deste grupo de pesquisa do ALFAREDE, que tem o canal e tem o evento próprio. Nós testamos antes, na quarta-feira, já tínhamos testado este horário antes e tinha tido bastante audiência. Inclusive isso, mantivemos o mesmo dia da semana para todas as rodas porque tínhamos que divulgar para os que acompanham os nossos outros canais, as redes sociais dos nossos grupos de pesquisas.

Outra coisa que eu observei nos chats das *lives*, é que foi muito importante esse espaço para ouvir e trocar. Eu, enquanto professora alfabetizadora, conseguia perceber, ouvindo as outras professoras, que os desafios não eram distintos e que não estávamos sozinhas nesse universo; que a minha angústia era a de outras professoras também. Não tínhamos retorno dos alunos, não sabíamos o que planejar, e nem quantas atividades planejar. E vocês, enquanto coletivo, já conseguiram fazer uma avaliação do evento, se atendeu o objetivo, etc.

Na verdade, não fizemos uma reunião de avaliação ainda para valer, porque as atividades presenciais voltaram e queremos pesquisar esse momento também. Nós já nos reunimos devido à segunda fase da pesquisa, mas não tivemos um momento específico para fazer um grande balanço. Na verdade, eu acho que iremos fazer esse balanço no grupo porque tudo o que acontece é motivo de comentário, então acredito que acontecerá. De certo modo, a construção desse novo instrumento de produção de dados foi feita também coletivamente, então foi mesmo um balanço em função da construção de um novo instrumento e não exclusivamente do Ciclo de Seminários. Mas uma avaliação mais sistemática ainda não fizemos. Talvez tenhamos que fazer isto mesmo, antes de começar a produzir novos dados,



um instrumento vai para a rua agora e iremos nos reunir. Podemos aproveitar para falar um pouco do que deu certo, do que podemos melhorar. Sempre tem oportunidade. Tivemos avaliações individuais de colegas que disseram que nesta segunda fase elas não conseguirão participar porque estão sendo pressionadas com outras coisas, outras atividades. Aqueles que saíram, os poucos que saíram, justificaram. Isso também é uma forma de avaliar, mas um balanço específico, até o momento não fizemos.

Já tem a intenção de fazer um novo ciclo de seminário, de dar continuidade a pesquisas.

Na verdade, não temos a intenção, já está acontecendo. Estamos terminando o teste com o segundo instrumento, e temos que sistematizar agora todas as sugestões que recebemos das alfabetizadoras. Realizamos agora o processo totalmente dentro daquilo que os estatísticos consideram uma metodologia adequada, para cercear o máximo possível, para que o instrumento funcione bem e não gere ambiguidade, porque é um instrumento que não pode ter ambiguidade, embora saibamos que em linguagem não existe isto. É a tentativa de que o instrumento funcione o melhor possível. Então fizemos o teste, mandamos para os alfabetizadores conhecidos, até para os alfabetizadores que participaram do Ciclo de Seminários no ano passado e outros, responderam e comentaram se tiveram dificuldades, e agora estamos com estes comentários que foram enviados, vamos sistematizar, fazer ajustes, e soltar no mundo, no mesmo processo.

REFERÊNCIAS

Alfabetização em rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia covid-19 - relatório técnico (parcial). **Revista Brasileira de Alfabetização** | ISSN: 2446-8584 | Número 13 – 2020. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/465> Acesso em: 04 de set. de 2022.

AUTORES

TAÍS BARBOSA RODRIGUES: Mestrado em educação pela Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Professora dos anos iniciais do município de Santo Antônio da Patrulha e Glorinha/RS. Vinculada ao Laboratório de Alfabetização e Práticas de Incentivo à Leitura (LAPIL/FURG) e ao



grupo de Estudo e Pesquisa em Alfabetização e Letramento. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5216-3256> . E-mail: taisrod_barbosa@hotmail.com

CAROLINE BRAGA MICHEL: Pós-doutorado pela Universidade Federal de Pelotas. Professora Adjunta do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação (FURG) e é Editora Chefe da Revista Momento - Diálogos em Educação, vinculada ao PPGEDU/FURG. É integrante do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES/FaE/UFPel) e vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em alfabetização e Letramento (GEALI/FURG). É coordenadora do Centro de Memória (CEMEDU), vinculado ao Instituto de Educação da FURG. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6171-4125>. E-mail: carolinebraga543@gmail.com.

JULIANE DE OLIVEIRA ALVES DA SILVEIRA: Doutora em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). É professora dos Anos Iniciais da Educação Básica na Prefeitura Municipal do Rio Grande. Está vinculada ao Laboratório de Alfabetização e Práticas de Incentivo à Leitura (LAPIL/FURG) e ao grupo de Estudo e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (GEALI/FURG). Atualmente desenvolve estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEDU/FURG) na linha de formação de professores e práticas educativas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9875-1790>. E-mail: julliane.aalves@gmail.com.